



## Trançando Saberes e Identidades: Práticas Antirracistas no IF Baiano – Campus Uruçuca

### Weaving Knowledge and Identities: Antiracist Practices at IF Baiano – Uruçuca campus

**Roselin Angelita Dantas Reis**

*Técnica em Assuntos Educacionais do IF Baiano, Uruçuca-Bahia, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/6905784327311756>*

**Viviane Reis Leporace**

*Técnica em Assuntos Educacionais do IF Baiano, Uruçuca-Bahia, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/3261425877016457>*

**Fernanda Marcelo Souza**

*Revisora Braille do IF Baiano, Uruçuca-Bahia, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/6054329727163854>*

**Resumo:** Este trabalho apresenta uma experiência pedagógica realizada no IF Baiano – Campus Uruçuca, a partir da oficina Tranças Nagô, enquanto prática de valorização da estética negra e afirmação da identidade afro-brasileira no contexto escolar. A atividade ocorreu com estudantes do ensino médio integrado, com o objetivo de promover reflexões sobre a cultura afro-brasileira por meio da oficina de tranças, elemento visual e simbólico ligado à trajetória e à resistência da mulher negra. A pergunta que orientou a proposta foi: como abordar a trança como expressão estética e cultural no ambiente escolar, contribuindo para a formação crítica de adolescentes negras e não negras? A metodologia articulou momentos expositivos, prática de trançado e rodas de conversa que discutiram a ancestralidade, o movimento Sankofa e os sentidos e significado histórico-social das tranças. A partir dos aportes de Kilomba (2019), Gomes (2017), Fanon (2008) e Hooks (2019), compreendemos o cabelo como marcador racial, político e afetivo, cuja presença nas práticas pedagógicas amplia as possibilidades de enfrentamento ao racismo e ressignificação do belo. Concluímos que a oficina contribuiu para o cumprimento da Lei 10.639/2003 e fortaleceu a autoestima e o pertencimento das estudantes, reafirmando a escola como espaço possível de resistência e reexistência.

**Palavras-chave:** educação antirracista; estética negra; tranças.

**Abstract:** This paper presents a pedagogical experience carried out at IF Baiano – Uruçuca Campus, through the Tranças Nagô (Nagô Braids) workshop, as a practice aimed at valuing Black aesthetics and affirming Afro-Brazilian identity within the school context. The activity was conducted with students from the integrated high school program, with the goal of fostering reflections on Afro-Brazilian culture through braids—both a visual and symbolic element tied to the history and resistance of Black women. The guiding question for the project was: how can braiding be approached as an aesthetic and cultural expression within the school environment, contributing to the critical development of both Black and non-Black adolescent girls? The methodology combined expository moments, hands-on braiding practice, and discussion circles that addressed ancestry, the Sankofa movement, and the historical-social meanings and significance of braids. Drawing on the works of Kilomba (2019), Gomes (2017), Fanon (2008), and Hooks (2019), we understand hair as a racial, political, and emotional marker, whose presence in pedagogical practices broadens the possibilities for confronting racism and reimagining beauty. We conclude that the workshop contributed to the implementation of Law 10.639/2003 and strengthened students' self-esteem and sense of belonging, reaffirming the school as a potential space of resistance and reexistence.

**Keywords:** antiracist education; black aesthetics; braids.

## INTRODUÇÃO

A escola brasileira, atravessada por heranças coloniais, ainda reproduz silenciamentos e exclusões que afetam diretamente a constituição de identidades negras no ambiente institucional. Diante disso, urge repensar a escola como território de resistência, onde práticas pedagógicas possam tensionar os discursos hegemônicos e afirmar outras formas de saber e de ser. A proposta de uma educação antirracista, ancorada em fundamentos decoloniais, não se limita à inclusão de conteúdos nos currículos, mas exige o reconhecimento de epistemologias negras, corporificadas em experiências, linguagens e estéticas frequentemente deslegitimadas.

Nesse contexto, a oficina Tranças Nagô, realizada com estudantes do ensino médio integrado no IF Baiano – Campus Uruçuca, foi concebida como uma prática pedagógica voltada à valorização da estética negra e à afirmação da identidade afro-brasileira. Importante destacar que, o arcabouço teórico da oficina baseou-se nos oito volumes da História da África acessíveis de forma gratuita pela Unesco<sup>1</sup>. Então, mais do que um exercício técnico, o trançar se constituiu como gesto político, símbolo de ancestralidade e expressão de pertencimento. As tranças, longe de serem apenas adornos, carregam histórias de resistência que atravessam o tempo e ressoam na construção subjetiva de meninas negras e não negras que vivenciam, de modos distintos, os efeitos do racismo estrutural.

A ação teve como objetivo principal promover reflexões críticas sobre a cultura afro-brasileira a partir da valorização dos saberes ancestrais, especialmente aqueles ligados ao corpo, à estética e à oralidade. Pretendeu-se, ainda, contribuir para o fortalecimento da autoestima das estudantes, fomentar o sentimento de pertencimento étnico-racial e estimular o reconhecimento da escola como espaço legítimo para a construção de narrativas afrocentradas.

Para isso, a metodologia adotada articulou três eixos principais: momentos expositivos com base em referências teóricas sobre identidade, racismo e estética negra; oficinas práticas de trançado, em que as estudantes aprenderam e aplicaram técnicas de tranças Nagô; e rodas de conversa, nas quais foram discutidos temas como ancestralidade, o movimento Sankofa e os significados histórico-sociais das tranças. Essa abordagem buscou equilibrar teoria e prática, saber acadêmico e saber tradicional, criando um ambiente de aprendizagem sensível, crítico e colaborativo.

---

1 Conteúdo disponibilizado em: [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/ResultadoPesquisaObraForm.do?first=50&skip=0&ds\\_titulo=&co\\_autor=&no\\_autor=&co\\_categoria=132&pagina=1&select\\_action=Submit&co\\_midia=2&co\\_obra=&co\\_idioma=&colunaOrdenar=DS\\_TITULO&ordem=asc](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/ResultadoPesquisaObraForm.do?first=50&skip=0&ds_titulo=&co_autor=&no_autor=&co_categoria=132&pagina=1&select_action=Submit&co_midia=2&co_obra=&co_idioma=&colunaOrdenar=DS_TITULO&ordem=asc)

**Figura 1 - Técnicas de trançado da Oficina de tranças Nagô.**



Fonte: arquivo pessoal.

**Figura 2 - Momento expositivo da Oficina de tranças Nagô.**



Fonte: arquivo pessoal.

**Figura 3 - Cartazes produzidos pelos/as estudantes durante a Oficina de tranças Nagô.**



Fonte: arquivo pessoal.

A ação se inscreve em uma pedagogia comprometida com a emancipação, conforme defendem autoras e autores decoloniais que refletem sobre as feridas coloniais ainda abertas na educação. Autoras como Grada Kilomba (2019), Nilma Lino Gomes (2017) e Bell Hooks (2019) apontam caminhos para uma prática docente que reconheça o corpo negro como lugar de saber e que se comprometa com a construção de ambientes escolares mais justos, afetivos e pluralizados. A oficina também dialoga com a perspectiva de Fanon (2008) ao compreender o cabelo como marca identitária, cuja valorização pode ser um potente instrumento de subversão estética e afirmação política.

Ao propor o trançar como experiência educativa, este trabalho reafirma o papel da escola na desconstrução de estigmas e na produção de narrativas que fortaleçam a autoestima, o pertencimento e a memória coletiva. Trata-se de compreender o ato de trançar como um gesto de reexistência, que convoca educadores e educadoras a assumirem a escola como um espaço vivo, capaz de promover práticas de reconhecimento, cuidado e transformação.

## **TRANÇAS NAGÔ: UM ELO ENTRE ESTÉTICA, IDENTIDADE E RESISTÊNCIA NA ESCOLA**

“Me disseram que meu cabelo era ruim...” – o verso de Sandra de Sá, na música Olhos Coloridos, ainda ressoa nos corredores das escolas brasileiras. Não se trata apenas de uma canção, mas de um grito que ecoa há gerações, denunciando o racismo que se infiltra na linguagem, no olhar e, sobretudo, na estética. Os corpos negros, historicamente marcados por violências simbólicas e materiais, seguem sendo alvo de um olhar que inferioriza e exotiza. A autora Nilma Lino Gomes (2002, p. 47) destaca que:

A rejeição do cabelo pode levar a uma sensação de inferioridade e de baixa autoestima contra a qual faz-se necessária a construção de outras estratégias, diferentes daquelas usadas durante a infância e aprendidas em família. Muitas vezes, essas experiências acontecem ao longo da trajetória escolar. A escola pode atuar tanto na reprodução de estereótipos sobre o negro, o corpo e o cabelo, quanto na superação dos mesmos.

Nessa perspectiva, a escola, que deveria ser espaço de emancipação, muitas vezes opera como reprodutora dessas violências, apagando referências afrocentradas e normatizando padrões de beleza eurocêntricos. Assim, fica claro que a estética negra – seus cabelos crespos, suas tranças, seus traços – tem sido constantemente marginalizada. Para Kilomba (2019), o racismo não se expressa apenas por meio da exclusão, mas também por uma constante tentativa de silenciamento e controle sobre os corpos negros. Quando a autora afirma que “a norma é branca”, ela nos convida a perceber como tudo que se afasta dessa norma passa a ser lido como desviante, inadequado, exótico ou feio.

Seguindo essa linha de pensamento, Gomes (2003) afirma que “o cabelo crespo é um dos argumentos usados para retirar o negro do lugar da beleza. [...] O corpo apresenta a dupla capacidade de ser, ao mesmo tempo, imagem social e representação exterior do que somos.” Assim, a autora destaca como o racismo utiliza as características estéticas — especialmente, o cabelo crespo — para inferiorizar corpos negros, transformando-os em elementos simbólicos direcionados para legitimar hierarquias de beleza e poder.

Neste sentido, falar de cabelo, especialmente do cabelo crespo, é falar de identidade, história e resistência. Em nossa sociedade, profundamente marcada pelo racismo estrutural, os fios que crescem de forma natural em pessoas negras ainda são vistos com estranhamento e julgamento. O que deveria ser apenas uma característica pessoal torna-se alvo de controle e exclusão.

Grada Kilomba, em *Memórias da Plantação* (2019), nos ajuda a compreender que essas violências não são casuais, ao contrário, fazem parte de um sistema que ainda mantém vivo o pensamento colonial. Assim, corpos negros são vigiados, questionados e silenciados. E isso se expressa também pela maneira como seus cabelos são tratados socialmente — seja olhares ou exigências veladas para se adequar a padrões brancos.

Quando se espera que uma mulher negra alise seus fios para parecer “mais profissional” ou “mais bonita”, há uma tentativa de negar sua origem. Não é apenas estética. É uma forma de dizer que aquele cabelo, do jeito que é, não serve, não pertence. É como se o natural precisasse ser corrigido. E isso dói. Malcolm X, considerado um símbolo do movimento Black Power e Ativista potente do nacionalismo negro, fez algumas considerações sobre esse assunto em um discurso chamado “Quem te ensinou a odiar a si mesmo?”. E assim, questionava plateia:

Quem te ensinou a odiar a textura do seu cabelo? Quem te ensinou a odiar a cor da sua pele de tal forma que você passa alvejante para ficar como o homem branco? Quem te ensinou a odiar a forma do nariz e a forma dos seus lábios? Quem te ensinou a se odiar do topo da cabeça para a sola dos pés? Quem te ensinou a odiar pessoas que são como você? Quem te ensinou a odiar a raça que você pertence, tanto assim que você não quer estar entre outros como você? (Malcolm X, 1950).

Essa ideia de Malcolm X, se alinha a narrativa do romance “Americanah” (2014), de Chimamanda Ngozi Adichie, em que acompanhamos a trajetória de Ifemelu, uma jovem nigeriana que, ao se mudar para os Estados Unidos para concluir seus estudos, se depara com desafios que vão além da adaptação cultural. Um dos conflitos mais marcantes em sua vivência no novo país está ligado ao seu cabelo — símbolo de sua identidade e resistência racial.

Vou ter que desfazer minhas tranças para a entrevista e fazer relaxamento no cabelo. Kemi disse que não devo usar tranças

na entrevista. 'Eles acham que você não é profissional se tem o cabelo trançado'. 'Então não existem médicas de cabelo trançado nos Estados Unidos?', perguntou Ifemelu. 'Falei o que me disseram. Você está num país que não é o seu. Faz o que precisa fazer se quiser ser bem-sucedido' (Adichie, 2014, p. 111).

Ifemelu tenta, inicialmente, manter seus fios naturais como uma forma de afirmação de quem ela é. No entanto, a pressão para se enquadrar nos padrões estéticos dominantes, que valorizam o liso e o "comportado", acaba pesando. A escolha de manter o cabelo natural vai se revelando cada vez mais difícil diante das exigências implícitas do ambiente acadêmico, profissional e social.

As experiências de Ifemelu revelam como o racismo estético atua de maneira silenciosa e persistente, cobrando uma adaptação constante das pessoas negras aos modelos eurocentrados. Essa cobrança, muitas vezes, se dá em gestos pequenos, mas profundos, que atravessam as relações cotidianas e expõem as marcas do neocolonialismo, ainda muito presente nas estruturas sociais.

Ao trazer essa narrativa para o contexto educacional, torna-se urgente a promoção de problematizações e debates que questionem os padrões de beleza hegemônicos e valorizem as diferentes expressões culturais e identitárias. Reconhecer o cabelo crespo como símbolo de pertencimento e ancestralidade é também um passo essencial para construir espaços verdadeiramente inclusivos e antirracistas. Afinal, falar sobre cabelo é, muitas vezes, falar sobre poder, liberdade e dignidade.

Neste sentido, a oficina de tranças representa uma abordagem pedagógica significativa para a valorização da estética negra e a reafirmação da identidade afro-brasileira no ambiente escolar. Mais do que uma atividade prática, ela se estabelece como um espaço vibrante de resistência e reexistência, catalisando reflexões profundas sobre a cultura afro-brasileira e a trajetória de resiliência da mulher negra.

A proposta, que envolveu estudantes do ensino médio integrado, fundamentou-se na compreensão de que a trança é um elemento visual e simbólico intrinsecamente ligado à história e à força da mulher negra. A questão norteadora – "como abordar a trança como expressão estética e cultural no ambiente escolar, contribuindo para a formação crítica de adolescentes negras e não negras?" – Evidencia o compromisso de transcender o aspecto puramente estético, buscando uma formação crítica e consciente.

Essa abordagem multifacetada, que combinou momentos expositivos, prática do trançado e rodas de conversa, encontra eco nas reflexões de Conceição Evaristo, que em sua obra sempre sublinha a importância da memória e da ancestralidade para a edificação da identidade negra. Nesse contexto, as tranças transcritas não são meros penteados; elas são fios condutores de narrativas ancestrais, tecendo uma história viva de resiliência.

Essa perspectiva dialoga com o movimento Sankofa, conceito originário do povo Akan, que significa "retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro". Ao recuperar práticas ancestrais como o trançado, reafirma-

se uma pedagogia de resistência que se opõe à lógica colonial do esquecimento. Como aponta a intelectual decolonial Catherine Walsh (2009), “a ancestralidade é um modo de insurgência frente à colonialidade do saber e do ser”. Assim, o gesto de trançar se transforma também em gesto político, convocando saberes silenciados e reinscrevendo corpos negros em suas próprias histórias.

Conforme articulado por Bell Hooks em “Estarão meus irmãos sofrendo?”, a educação é um terreno fértil para desconstruir padrões racistas e nutrir a autoestima. Ao trazer a estética negra para o cerne do debate e da prática escolar, a oficina de tranças age diretamente no enfrentamento do racismo e na ressignificação do belo, questionando padrões eurocêntricos que frequentemente obscurecem a beleza negra. O cabelo, como bem destacado, configura-se como um marcador racial, político e afetivo, e sua inclusão em práticas pedagógicas como esta amplia as vias para o combate ao racismo.

Ainda, a perspectiva de Grada Kilomba em “Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano” nos auxilia a perceber as nuances do racismo cotidiano, inclusive na forma como o corpo e a estética negra são interpretados e tratados. Ao celebrar e valorizar a estética das tranças, a oficina Tranças Nagô oferece um contraponto direto a essas violências simbólicas, contribuindo para a reafirmação do valor e da beleza intrínseca da cultura negra. A escola, ao abraçar essa atividade, fortalece-se como um espaço de resistência e reexistência, onde as estudantes, negras e não negras, podem construir uma compreensão mais profunda e respeitosa das diversas identidades que compõem a sociedade.

Assumir o cabelo crespo, usar tranças, black power ou qualquer outro penteado afro é um gesto de afirmação e resistência. Kilomba (2019) nos lembra que o racismo, muitas vezes, se disfarça de neutralidade. Mas ele está ali, presente, nas pequenas e grandes violências do dia a dia. Dessa forma, cuidar do cabelo, deixá-lo crescer, exibi-lo com orgulho, é também uma maneira de curar. É transformar a dor em força. É resgatar saberes ancestrais que foram negados por tanto tempo. É se ver e se aceitar com dignidade. É nesse ponto que a escola precisa ser confrontada e ressignificada.

Quando Elza Soares canta “E esse país vai deixando todo mundo preto, e o cabelo esticado”, ela nos oferece uma leitura crítica e poderosa sobre como o ideal de branquitude se impõe na vida das pessoas negras, especialmente das mulheres negras. O verso revela a violência simbólica que atua sobre os corpos negros, pressionando-os a se moldar a um padrão de beleza que não os contempla — um padrão branco, liso, eurocentrado.

Essa imposição estética vai muito além da aparência: ela afeta diretamente a construção da identidade. A mulher negra, desde cedo, é ensinada a se ver a partir de uma lente que desvaloriza suas características naturais. O cabelo crespo, por exemplo, é constantemente associado ao “feio”, ao “desleixado” ou ao “não profissional”, reforçando a ideia de que é preciso modificá-lo para ser aceita.

Esse cenário dialoga diretamente com o pensamento de Franz Fanon, que afirma: “tanto a inferiorização quanto o sentimento de superioridade são

construções socioculturais impostas na colonização – e não essências humanas –, que passam a fazer parte da colonialidade do ser mantida após o período colonial” (Fanon, 2008, p. 24). Ou seja, as hierarquias raciais e estéticas continuam operando mesmo depois do fim formal da colonização, moldando subjetividades e regulando comportamentos.

Reconhecer esses mecanismos é essencial para desconstruir as violências naturalizadas no cotidiano. Valorizar os traços, os cabelos e as vivências negras é um caminho urgente para que mulheres negras possam se ver fora da lógica da adaptação e passem a ocupar seus espaços com orgulho, pertencimento e liberdade.

Como nos lembra Bell Hooks (2019), educar é um ato de amor e rebeldia – e é nesse entrelaçar de afeto e enfrentamento que nascem possibilidades reais de transformação.

Autores e autoras decoloniais, como Catherine Walsh (2009), Walter Mignolo (2007) e Sueli Carneiro (2003), reforçam a importância de romper com a colonialidade do saber e do ser. Isso significa, na prática, reconhecer que os conhecimentos produzidos por corpos negros, indígenas e periféricos não são marginais, mas centrais para a construção de um projeto educativo verdadeiramente plural. Ao trançar saberes, partimos do princípio de que cada fio de cabelo pode ser também um fio de memória, de resistência, de identidade.

A canção “Respeitem Meus Cabelos, Brancos” (cantada por Margareth Menezes e composta por Chico César), reforçam que: “se eu quero pixaim, deixa / se eu quero enrolar, deixa / se eu quero colorir, deixa / se eu quero assanhar, deixa”. Cada verso é um manifesto pela liberdade sobre o próprio corpo, especialmente sobre o cabelo — esse território simbólico tão vigiado, criticado e padronizado. A canção denuncia, de forma poética e direta, o controle histórico exercido sobre os corpos negros, sobretudo o feminino, e exige respeito à diversidade de escolhas. Respeitar o cabelo é respeitar a história, a ancestralidade, o direito de ser e de se expressar sem a tutela do olhar branco-colonial.

Esse chamado dialoga com o que Franz Fanon nos ensinou: os valores que hierarquizam os corpos são construções coloniais que continuam a operar na vida pós-colonial. Quando uma mulher negra afirma seu direito de deixar o cabelo “pixaim”, “enrolar”, “colorir” ou “assanhar”, ela está quebrando a lógica da subordinação estética e existencial. Ela está dizendo: “meu corpo me pertence”. E isso, por si só, é revolucionário.

Ao lançar mão de letras, corpos e trançados como dispositivos pedagógicos, colocamos em prática um processo de descolonização estética e epistemológica. Não se trata apenas de introduzir conteúdos sobre cultura afro-brasileira, mas de reposicionar o olhar: sair da perspectiva do “outro” exótico para o reconhecimento de sujeitos inteiros, complexos, produtores de saber. É essa a potência da pedagogia antirracista que queremos construir – uma pedagogia que não apenas denuncia, mas também anuncia: um outro mundo é possível, e ele começa nos detalhes dos fios trançados em roda, no chão da escola.

## VIVÊNCIAS E RESULTADOS

A oficina Tranças Nagô, desenvolvida no IF Baiano – Campus Uruçuca, aconteceu presencialmente com estudantes do ensino médio integrado, e sua condução foi pautada por escuta, afeto e abertura ao diálogo. Desde o primeiro momento, ficou evidente que o tema despertava curiosidade, mas também provocava silêncios e inseguranças – sinais de um campo ainda pouco explorado no cotidiano escolar.

A proposta não era apenas ensinar a trançar cabelos, mas criar um espaço de partilha e reflexão, onde as histórias pudessem ser contadas pelos corpos, pelas mãos e pelas memórias. Durante os momentos expositivos, as alunas ouviram sobre a ancestralidade africana, o simbolismo das tranças nos territórios diaspóricos e a força política presente na estética negra. Muitas, pela primeira vez, reconheceram a si mesmas como parte de uma herança potente, que vai além da dor e alcança a beleza da resistência.

As rodas de conversa foram especialmente significativas. Em um dos encontros, uma das alunas compartilhou que evitava usar tranças por causa dos olhares atravessados nas lojas da cidade. Outra relatou que nunca havia escutado que as tranças tinham origem africana e poderiam representar mapas, linhagens ou sinais de proteção. Esses relatos confirmaram a urgência de práticas pedagógicas que resgatem memórias apagadas e que fortaleçam as subjetividades negras dentro da escola.

Na etapa prática, o ato de trançar se transformou em um gesto coletivo de cuidado. Entre tramas e fios, as estudantes se aproximaram, conversaram, tocaram seus cabelos com respeito e orgulho. O ambiente que se formou foi de confiança mútua, onde o erro era acolhido como parte do processo e o acerto era celebrado com alegria. Houve um deslocamento da ideia de que cabelo crespo é “difícil” ou “feio” para o reconhecimento de sua riqueza simbólica, estética e afetiva.

Em termos pedagógicos, a oficina contribuiu de forma efetiva para a valorização de saberes afro-brasileiros, aproximando o conteúdo escolar de vivências concretas e identitárias. O empoderamento fez parte da oficina, construindo pequenas pontes que sinalizam deslocamentos subjetivos importantes.

Neste viés, a filósofa Djamila Ribeiro (2015) destaca que, no contexto do feminismo negro, o empoderamento adquire um caráter coletivo, sendo compreendido como um processo que coloca as mulheres negras na posição de protagonistas das transformações sociais. É um movimento pautado em valores antirracistas, antissexistas e contra a elitização, buscando transformar tanto as estruturas institucionais quanto a percepção individual dos sujeitos.

Para além deste contexto, a experiência colaborou diretamente para o cumprimento da Lei 10.639/2003, não apenas como uma obrigação legal, mas como compromisso ético com a construção de uma escola mais justa e plural. A presença das tranças no ambiente educativo deixou de ser vista como adorno e passou a ocupar o lugar de símbolo cultural, político e pedagógico.

Por fim, os resultados observados indicam que ações como esta podem ampliar o repertório crítico das estudantes, fomentar o respeito às diferenças e contribuir para uma formação mais sensível às questões raciais. Quando o conhecimento se entrelaça com a experiência vivida, o aprendizado ganha sentido – e o espaço escolar se transforma em território de reexistência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Eu sou negona, eu sou preta, eu sou dona, eu sou feita pra vencer”, canta Karol Conká na música “Negona”, e esse verso ecoa com força quando o que está em jogo é a permanência de memórias, saberes e identidades negras dentro da escola. Ao final da oficina Tranças Nagô, o que se viu não foi apenas o domínio de uma técnica, mas a emergência de outras posturas diante do espelho, da escola e de si mesmas. O ato de trançar, nesse contexto, deixou de ser estética para se tornar ética, gesto político, prática de reconhecimento.

Essa experiência nos mostrou que a escola pode – e deve – ser um lugar onde a identidade negra seja não só acolhida, mas celebrada. Ao trabalhar com uma pedagogia sensível às marcas do racismo, alinhada a perspectivas decoloniais e a vozes insurgentes, criamos condições para que o aprendizado aconteça também pelos sentidos, pelas narrativas e pelo corpo-território.

“Negra, negra, negra, com orgulho, com amor”, canta Luedji Luna, e essa afirmação não nasce no palco: nasce no chão da sala de aula, quando uma aluna levanta a cabeça e afirmar se sentir belíssima com seu cabelo de trança. É nessa fresta que se revela o potencial transformador da educação antirracista: não como discurso abstrato, mas como prática cotidiana, feita de escuta, de troca e de construção coletiva.

A oficina reafirmou o valor da ancestralidade como caminho de cura e conhecimento, mostrando que o enfrentamento ao racismo passa também pela reconstrução da autoestima e pelo pertencimento simbólico. Quando as estudantes compreenderam que suas tranças carregam mapas, histórias e memórias, algo se deslocou dentro delas – e também dentro da escola.

“O couro do tambor tem que ecoar, a nossa cor tem que brilhar”, canta Emicida (2025). E é esse brilho que queremos ver refletido nos corredores escolares: o brilho de estudantes que se reconhecem, que se orgulham da própria história e que se tornam sujeitos ativos na construção de uma educação mais justa. A oficina foi só um fio – mas fios, quando bem entrelaçados, formam tramas que sustentam futuros.

## REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento**. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

CONKÁ, Karol; Tasha & Tracie. **Negona**. Single. Independente, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xxxxxxx>. Acesso em: 16 jun. 2025.

EMICIDA. **O couro do tambor.** Álbum Sobre Crianças, Quadris, Pesadelos e Lições de Casa, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xxxxxxx>. Acesso em: 16 jun. 2025.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Tradução de Renato da Silveira. 8. ed. Salvador: EDUFBA, 2008.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e relações étnico-raciais: fazendo escola com os cabelos crespos.** 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

GOMES Nilma Lino. **Sem perder a raiz - corpo e cabelo como símbolos da identidade negra.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação.** Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano.** Tradução de Jess Oliveira e Simone Schmidt. São Paulo: Cobogó, 2019.

LUNA, Luedji. Negra. **Álbum Um Corpo no Mundo, 2017.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xxxxxxx>. Acesso em: 16 jun. 2025.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala.** São Paulo: Polén, 2015a. RIBEIRO, Djamila. Pequeno manual antirracista. São Paulo: Companhia das Letras, 2019b.

SÁ, Sandra de. **Olhos Coloridos.** Álbum Sandra de Sá, 1983. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xxxxxxx>. Acesso em: 16 jun. 2025.

SOARES, Elza. **A Carne.** Álbum Beba-me, 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xxxxxxx>. Acesso em: 16 jun. 2025.

WALSH, Catherine. **Interculturalidade, saberes e práticas outras: desafios teórico-práticos.** In: WALSH, Catherine; MIGNOLO, Walter. Educação e mudança civilizadora: perspectivas decoloniais. São Paulo: Vozes, 2009.